**A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**
*THEORY OF MULTIPLE INTELLIGENCES IN PEDAGOGICAL
PRACTICE IN CHILDHOOD EDUCATION*

Yohanna Souza Pereira,
Claudia Pinheiro Nascimento,
Aldi Roldão Cabral

RESUMO

O presente ensaio tem por temática a teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner e a importância de desenvolvê-la na Educação Infantil, pois, por meio dela, há um olhar a cerca das possibilidades pedagógicas para os docentes quanto à inteligência, habilidades e competências, salientando ao professor a importância de descobrir e desenvolver as particularidades de cada aluno, conforme os documentos norteadores da Educação. Para isto, fez-se necessário um breve histórico do conceito de inteligência, posteriormente, as definições das inteligências múltiplas, a ligação da teoria com a educação, através dos cinco campos de experiência da Educação Infantil, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, e como é possível o desenvolvimento das inteligências múltiplas por meio de jogos.

Palavras-chave: Inteligência; Inteligências múltiplas; Educação infantil; Práticas pedagógicas; Jogos.

ABSTRACT

This essay focuses on Howard Gardner's theory of multiple intelligences and the importance of its development in early childhood education, and because of it, there is a view about the educational possibilities for teachers regarding related to intelligence, skills and competences, highlighting to the teacher the importance of discovering and developing the particularities of each student, according to the guiding documents of education. For this, it was necessary a brief history of the concept of intelligence, and then, the definitions of multiple intelligences, the connection between theory and education, through the five experience fields of early childhood education, according to the Common National Curriculum Base, and how the development of multiple intelligences through games is possible.

Introdução

A Teoria das Inteligências Múltiplas, apresentada no livro *The frames of mind: the theory of multiple intelligences*, traduzido em 1.983 como Estruturas da mente: a Teoria das Inteligências Múltiplas, surgiu a partir da necessidade de Howard Gardner de ampliar o significado de Inteligência, considerando a existência de outras habilidades cognitivas humanas.

A escolha deste tema se deu a partir do desejo de compreender melhor as emoções das crianças na Educação Infantil, o que se deu conhecendo estudos de Daniel Goleman (1995) e, posteriormente, da Teoria das Inteligências Múltiplas na obra *As inteligências múltiplas e seus estímulos* de Antunes (2012).

Após a leitura do livro acima referido, surgiu o problema de pesquisa: como desenvolver as Inteligências Múltiplas em crianças na educação infantil? Atribuindo, assim, ao presente trabalho a busca pela verificação da possibilidade de aplicação da Teoria das Múltiplas Inteligências na Educação Infantil visando ao sucesso escolar e ao desenvolvimento de habilidades necessárias ao mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, visa auxiliar aos docentes no seu aprimoramento do próprio fazer pedagógico, levando em consideração a aptidão e habilidade de cada um. Tudo isso objetiva evitar a supervalorização de um tipo de inteligência em detrimento de outras.

É necessário respeitar a singularidade, a subjetividade e as particularidades dos discentes no processo de ensino aprendizagem, para desenvolver cidadãos ativos e críticos na sociedade, com maiores possibilidades de sucesso pessoal e profissional.

1. Conceito de Inteligência

Ao longo do tempo, inteligência tem sido algo a desafiar os pensadores e pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Assim, no campo da Psicologia, muitos conceitos foram produzidos. Faria (2003, p. 119) afirma que “Falar de inteligência implica debater um dos temas mais importantes e mais controversos da Psicologia e, simultaneamente, um dos atributos psicológicos mais valorizados e mais temidos socialmente”.

Desde a origem da humanidade, a capacidade de adaptar-se a novas situações foi fundamental para a preservação da espécie humana, sendo esta competência, muitas vezes, entendida como sendo Inteligência.

Etimologicamente, a palavra inteligência é proveniente “[...] da junção de duas palavras latinas: *inter* = entre e *eligere* = escolher” (ANTUNES, 2012, p. 11). Segundo Aurélio (2010, p. 432) a inteligência é “Faculdade ou capacidade de aprender, apreender, compreender ou adaptar-se facilmente; intelecto, intelectualidade”.

Levando em consideração os conceitos apresentados, nota-se que a inteligência não apenas se caracteriza como algo isoladamente cognitivo, mas também como capacidades do ser humano em adaptar-se ao meio, permitindo “[...] ao sujeito resolver problemas e, até mesmo, criar produtos” (ANTUNES, 2012, p. 11). Mostrando-se, assim, como a capacidade do ser humano de tomar as decisões que melhor se adequem às suas necessidades e melhor representem as soluções para os problemas.

No decurso dos estudos para a definição da Inteligência, segundo Smole (2000) o pedagogo e psicólogo Alfred Binet e Théodore Simon, psicólogo e psicometrista, no ano de 1904, na França, a pedido do Ministério Francês de Educação, criaram o teste de Quociente de Inteligência – QI, o qual, por meio de perguntas nas áreas linguística e lógico-matemática, mensurava a Inteligência e servia como um meio de antever quem teria ou não sucesso.

Porém, como afirma Travessos (2001, p. 12) “A mente é um instrumento multifacetado, de múltiplos componentes, que não pode, de qualquer maneira

legítima, ser capturada num simples instrumento estilo lápis e papel”. Contrariando a visão tradicional de que inteligente é o indivíduo que obtém êxito em provas e testes. Até hoje a sociedade mantém esse entendimento, como explica Travessos

Na visão tradicional a *inteligência* é conceituada como a capacidade de responder a testes de inteligência, o Q.I. Alguns testes realizados demonstram que a "faculdade geral da inteligência" não muda muito com a idade ou com treinamento ou experiência. A inteligência é um atributo ou uma faculdade inata do ser humano (2001, p. 4).

Porém, com o passar do tempo, o teste psicométrico de Binet e Simon passou a ser mais utilizado como um classificador e muitas foram as críticas ligadas ao teste e às suas utilizações como afirma Urbina

O fato mais básico a respeito dos testes psicológicos é que eles são ferramentas [...] como outras ferramentas, os testes psicológicos podem ser extremamente úteis – e até mesmo insubstituíveis – quando usados de forma apropriada e hábil. No entanto, também podem ser mal-aplicados, podendo limitar ou anular sua utilidade e, por vezes, até mesmo resultam em consequências prejudiciais (2007, p. 15).

A má-utilização de qualquer ferramenta acarreta em um desequilíbrio para os objetivos e a precisão, neste caso, dos testes psicométricos, muito utilizados para avaliar o construto inteligência.

Em 1927, o psicólogo Charles Spearman apresentou um fator geral da inteligência - teoria Bifatorial – que segundo Nascimento e Rueda

Tal teoria pressupõe que para a realização de qualquer atividade intelectual, é necessário o fator geral e um fator específico condizente com a tarefa proposta. No entanto, o fator específico não é totalmente independente, pois possui correlação com o geral (2014, p. 308).

Segundo Sisto, Ferreira e Matos (2006, p. 70) “O fator g é um constructo psicométrico e psicológico que descreve um conjunto de fenômenos que estão associados com os resultados do funcionamento mental humano”. Ou seja, a teoria é um conjunto de ideias, onde todos possuem um fator geral, aquilo que os torna humanos, e cada um, em determinado momento, dota-se de um fator específico.

Mas, em contrapartida, segundo Erthal

O objetivo dos testes psicológicos, inicialmente, era medir a inteligência como um todo, mas nem todas as funções importantes estavam ali representadas. A maioria dos testes media algum aspecto da inteligência: por exemplo, capacidades especiais para percepção de espaço, forma, memória visual, etc. Um teste de inteligência geral podia oferecer uma visão global, mas não salientava componentes específicos da mesma (2009, p. 13).

2. Teoria das Inteligências Múltiplas

Percebe-se no ambiente escolar que existem distintos perfis de discentes e docentes e que, muitas vezes, o profissional docente não sabe como agir diante dessa variabilidade, tanto das características individuais, como também das formas de aprender. Com isso, afirma Smole:

O espaço da classe deverá ser marcado por um ambiente cooperativo e estimulante para o desenvolvimento e manifestações das diferentes inteligências, assim como para promover a interação entre diferentes significados que os alunos apreenderão ou criarão das propostas que realizarem, dos desafios que vencerem (2000, p. 160).

Demonstrando, que a sala de aula deve ser o espaço em que essas características de cada um devem ser trabalhadas e estimuladas, podendo assim, serem observadas as aparições das diferentes inteligências, sob diversos processos.

Com a vasta gama de teorias acerca da Inteligência, e como afirma Nascimento e Rueda (2014, p. 308) é “importante mencionar que todas essas teorias contribuem para o entendimento da inteligência, sendo complementares e não excludentes”. Em 1983, Howard Gardner, em seu livro *Estruturas da mente*, apresentou a teoria das Inteligências Múltiplas, por considerar a existência de outras competências intelectuais humanas.

Os pensamentos de Gardner (1995) remetem a um olhar não para um aglomerado de pessoas, mas sim um olhar voltado para as diferenças intrínsecas de cada pessoa humana, como afirma em relato:

Eu acredito que devemos nos afastar totalmente dos testes e das correlações entre os testes, e, ao invés disso, observar as fontes de informações mais naturalistas a respeito de como as pessoas, no mundo todo, desenvolvem capacidades importantes para seu modo de vida (GARDNER, 1995, p. 13).

Segundo Antunes (2012), falar de inteligência, não implica apenas questões individuais, atribui-se a ela do mesmo modo, valores específicos dentro de uma cultura, “todas as nossas inteligências nada mais são do que segmentos componentes de uma ecologia cognitiva que nos engloba” (ANTUNES, 2012, p. 12). Não haveria inteligência se não fosse pelas heranças culturais, intimamente ligadas às vivências do homem.

A cultura faz parte do ser humano desde antes de seu nascimento, como afirma Gardner (1995, p. 188) “Os seres humanos são criaturas biológicas, mas são igualmente criaturas culturais”. Cada característica recebida, naturalmente se manifestará em determinadas ocasiões, inclusive no que diz respeito à inteligência. O prestígio atribuído a uma determinada inteligência em um determinado país, pode não ser o mesmo a essa mesma inteligência, em outro país.

Afirma Armstrong, diante da cultura e da teoria, que

A razão para o encaixe entre a teoria da IM e as culturas diversas parece residir mais na capacidade de a teoria validar as tradições de cada cultura, não apenas no nível cultural elevado (literatura publicada, música, ciência, e outros), mas também no nível das tradições populares da nação, suas identificações nacionais básicas, seus ideais estéticos, e outras dimensões sutis das práticas culturais profundas de uma sociedade (2010, p. 38).

Como assegura Gardner (1995), a escolha do nome de sua teoria foi proposital “para enfatizar um número desconhecido de capacidades humanas diferenciadas [...] para salientar que estas capacidades eram tão fundamentais quanto aquelas historicamente capturadas pelos testes de QI” (GARDNER, 1995, p. 3).

Ou seja, com a teoria das inteligências múltiplas há o entendimento de que “todos temos um repertório de capacidades para resolver diferentes tipos de problemas” e ainda que

[...] não abordamos a “inteligência” como uma faculdade humana retificada, que é convocada literalmente em qualquer colocação de problemas; pelo contrário, nós começamos com os problemas que os seres humanos resolvem e depois examinamos as “inteligências” que devem ser responsáveis por isso (GARDNER, 1995, p. 29).

Todas as pessoas possuem diferentes maneiras de adquirir e absorver conhecimentos. Com essa teoria, é possível pensar que todos nascem com todos os diferentes tipos de inteligência, e, à medida que são estimuladas, umas vão se desenvolvendo mais que outras. O que não indica que uma exclua a outra, pois elas se interrelacionam, mesmo sendo independentes, ou seja, “as inteligências catalisam-se mutuamente: uma pode estimular o crescimento da outra” (MORAN, 2010, p. 383)

A definição de inteligência segundo Gardner (1995), bem como a de Antunes (2012) está na capacidade que o ser humano possui de adaptar-se ao meio e adquirir novas formas de resolver problemas e criar produtos.

Assim como afirma Piaget (1958, p. 14), inteligência é a “[...] adaptação mental mais extremada, isto é, o instrumento indispensável do intercâmbio entre o sujeito e o universo”.

3. Definições das Inteligências Múltiplas

As Inteligências Múltiplas, como denominada a teoria, abrangiam sete Inteligências inicialmente, sendo elas: Inteligência linguística, Inteligência lógico-matemática, Inteligência espacial, Inteligência musical, Inteligência corporal-cinestésica e as inteligências pessoais – Inteligências Interpessoal e Intrapessoal.

Quadro 1 – Conceitos de Inteligências

Inteligência Linguística	Inteligência Lógica-matemática	Inteligência Espacial	Inteligência Musical
Muito encontrada em escritores, jornalistas e poetas. “Integra as competências inerentes ao uso da linguagem para construir e/ou adquirir informação, às formas de discurso oral, escrita, narrativa ou poesia” (ALMEIDA et al., 2009, p. 42).	Demonstrada em cientistas, matemáticos, engenheiros e contadores. Onde “o processo de resolução do problema geralmente é surpreendentemente rápido” (GARDNER, 1995, p. 24).	Exploradores, pilotos e arquitetos são exemplos. “É importante para a nossa orientação em diversas localidades, para o reconhecimento de cenas e objetos, quando trabalhamos com representações gráficas em mapas, gráficos, diagramas ou formas geométricas [...]” (ANTUNES, 2012, p. 36).	Referente aos compositores e musicistas. Esta inteligência provém, da “[...] facilidade em identificar sons diferentes perceber as nuances de sua intensidade, captar sua direcionalidade” (ANTUNES, 2012, p. 56).
Inteligência corporal-cinestésica:	Inteligência Interpessoal	Inteligência Intrapessoal	
Encontrada em jogadores de futebol, atletas e dançarinos. “Traduz a aptidão para utilizar o corpo de forma diferenciada, tendo em vista o alcance dos objectivos propostos e a transmissão de expressões com propósitos comunicacionais” (ALMEIDA et al., 2009, p. 43). São aqueles que possuem domínio de seus próprios corpos.	Está presente em “líderes religiosos ou políticos, professores, terapeutas e pais” (GARDNER, 1995, p. 27). Consiste em compreender os sentimentos e emoções do outro, diante de conflitos internos. E a capacidade em que se “estabelece laços sólidos nas relações humanas” (ANTUNES, 2014, p. 9). Onde se entende o outro e o ajuda a entender-se a si mesmo.	Atribuída àquelas pessoas que têm conhecimento de si mesmas, que compreendem suas próprias emoções, seus limites e aquilo que as motiva, entendendo a si próprias, como Gandhi. “Tem a ver com a capacidade para detectar um conjunto diferenciado e complexo de sentimentos de si, de conhecimentos acerca dos atributos pessoais e do seu uso na aprendizagem e na resolução das tarefas” (ALMEIDA et al., 2009, p. 43).	

Fonte: Elaboração própria

Em 1999 Gardner complementou a teoria, afirmando que existiam mais dois tipos de Inteligência: a Inteligência Existencial, que diz respeito àquelas pessoas que possuem uma reflexão profunda acerca da existência humana e a Inteligência Naturalista, relacionada àquelas pessoas com ampla percepção do natural e da natureza.

Apesar de Gardner ter proposto uma teoria com sete inteligências a princípio, e, posteriormente, nove inteligências, isso não implica que existam apenas estas e que elas não se relacionem entre si de forma harmônica. Como afirma Smole

Apesar das distinções, as inteligências interagem. Nada seria feito, ou nenhum problema se resolveria, se as distinções e a independência impedissem as inteligências de trabalhar em conjunto. Gardner considera, por exemplo, que seria difícil resolver um problema de matemática sem utilizar também as dimensões lingüística e espacial. Mais que isso, ele afirma que cada papel cultural assumido pelo indivíduo na sociedade, seja qual for o grau de sofisticação, requer uma combinação de inteligências (1999, p. 15).

A teoria, que a princípio não dizia respeito à Educação, apresentou importante implicação educacional. Como seria possível a utilização de tal teoria na prática pedagógica na Educação Infantil?

4. A Teoria das Inteligências Múltiplas na Educação Infantil

Segundo Kornhaber (2010, p. 387) a teoria “se tornou uma estrutura para a pedagogia e para a reforma escolar”, assim como afirma Gardner (1995, p. 36) “há razões importantes para considerar a teoria das inteligências múltiplas e suas implicações para a educação”.

Segundo MEC, como estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI, define-se Educação Infantil como a:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (2010, p. 12).

É na Educação Infantil que a criança começa seu papel de interação com pessoas distintas de sua família. A socialização e a interação são aspectos fundamentais a serem considerados durante essa etapa. Segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, documento elaborado pelo Ministério da Educação – MEC, “é na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista” (BRASIL, 2018, p. 40).

A Educação Infantil “é o início e o fundamento do processo educacional” (BRASIL, 2018, p. 36) também é nessa etapa que há a união entre o educar e o cuidar. Segundo a BNCC (2018), nessa etapa devem ser considerados seis direitos: Conviver; Brincar; Participar; Explorar; Expressar; Conhecer-se. A BNCC está organizada em cinco campos de experiências, sendo eles: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

O primeiro campo de experiência a se considerar é O eu, o outro e o nós, onde:

[...] é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos (BRASIL, 2018, p. 40).

Esse primeiro campo de experiência possui profunda semelhança às Inteligências pessoais – Inteligências Interpessoal e Intrapessoal conceituadas por Gardner, pois a criança ao ingressar na Educação Infantil, terá que entrar em contato com diferentes pessoas, e através da relação com elas, compreendê-las e compreender a si mesma.

Segundo Antunes (2014) quanto mais facilmente uma criança compreende o outro, sua forma de se relacionar e estabelecer um convívio serão mais descomplicados o entendimento acerca de si mesmo e das mudanças que serão necessárias em seus próprios conceitos.

O segundo campo de experiência: Corpo, gestos e movimentos

[...] as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade (BRASIL, 2018, p. 41).

Corpo, gestos e movimentos faz menção à Inteligência Corporal - Cinestésica e à Inteligência Espacial, pois é através do movimento que a criança explorará o que a rodeia. Durante este momento, o corpo torna-se o instrumento central para a descoberta do mundo e seus elementos.

O terceiro campo de experiência: Traços, sons, cores e formas

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia, etc.) (BRASIL, 2018, p. 41).

Traços, sons, cores e formas há nuances da Inteligência Musical, pois esta se manifesta através das diferentes características artísticas e traz à pessoa humana, a capacidade de mostrar um novo olhar acerca do mundo e da própria interação do indivíduo com o meio, sendo o estímulo desta “[...] pode, e deve, ser promovido desde a infância mais tenra” (ANTUNES, 2012, p. 58).

O quarto campo de experiência: Escuta, fala, pensamento e imaginação

[...] promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2018, p. 42).

A este quarto campo, é notória uma forte relação à Inteligência Linguística, sendo esta “essencial para a sobrevivência do homem moderno” (ANTUNES, 2012, p. 44), o trabalho dentro do ambiente escolar torna-se essencial para o desenvolvimento da linguagem.

O quinto campo de experiência: Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações

[...] procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade, etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.). [...] nessas experiências e em muitas outras, as crianças também se deparam frequentemente, com conhecimentos matemáticos (contagem, ordenação, relações entre quantidades, dimensões, medidas, comparação de pesos e de comprimentos, avaliação de distância, reconhecimento de formas geométricas, conhecimento e reconhecimento de numerais cardinais e ordinais etc.) que igualmente aguçam a curiosidade (BRASIL, 2018 p. 43).

O último campo de experiência tem estreita relação à Inteligência Lógico-Matemática, sendo o estímulo desta capaz de alfabetizar matematicamente os indivíduos.

Ao se pensar na teoria das inteligências múltiplas na prática pedagógica, o profissional docente pode se perguntar: Como trabalhar as inteligências múltiplas em meus alunos, se não reconheço qual a minha própria inteligência?

A essa pergunta, Antunes (2011, p. 30) indica que “o interessante é procurar observar as Inteligências em que são fortes, as que são comuns e outras nas quais são fracas”. Colocando o aluno como o centro do processo de aprendizagem, colocando suas necessidades em primeiro plano, dá ao professor um norte de que caminho seguir para atingir seus objetivos de ensino.

Antunes (2012, p. 98) ainda afirma que a aprendizagem como um construtivismo redefine o papel do professor, agora como um intermédio entre o ensino e o discente, e “quando o professor acredita nas múltiplas inteligências e em sua habilidade em motivá-las, ele descobre um extraordinário estimulador de habilidades em seus alunos”.

É necessário, portanto, o conhecimento e o reconhecimento do professor acerca da Teoria das Inteligências Múltiplas, pois os conceitos precisam fazer sentido a quem aplica, não como algo que limita o processo de ensino e aprendizagem, mas algo que amplia o significado de aprender e une as singularidades de cada aluno, como uma aliada.

Com isso Gardner afirma que

Quando tentamos abranger uma imensa quantidade de conteúdos na escola, torna-se virtualmente impossível uma educação matizada pela luz das inteligências múltiplas. Mas quando decidimos ensinar para o entendimento, examinar profundamente alguns tópicos durante um período de tempo significativo, a existência das diferenças individuais pode ser, na verdade, uma aliada (1995, p. 174).

Quando um professor, e aqui considerado desde a Educação Infantil, possui um olhar atento às diversas inteligências, ele constrói uma relação onde não se engessa mais o seu aluno em padrões estabelecidos, mas estrutura um ambiente onde as singularidades e particularidades são respeitadas e importantes no processo de ensino e aprendizagem.

No processo educacional, é necessária a intencionalidade, sendo parte desse trabalho pedagógico o “refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (BRASIL, 2018, p. 39).

Gardner (1995) afirma que há duas implicações educacionais em sua teoria, a individualização, ou seja, o olhar acerca das particularidades de cada aluno de forma individual e a pluralização, a forma de ensinar um mesmo conteúdo de formas diferentes. Unindo assim, o trabalho do educador segundo a BNCC, às implicações segundo Gardner.

5. Os jogos e as Inteligências Múltiplas

Partindo do pressuposto de que não há um manual de instruções para desenvolver as inteligências múltiplas e que cabe ao professor decidir qual caminho será melhor escolher, com base em sua sala e seus alunos, serão aqui apresentados os jogos como estratégias para a aplicação da teoria das inteligências múltiplas na prática pedagógica.

Segundo Antunes (2014, p. 11) a palavra jogo “provém de *jocu*, substantivo masculino de origem latina que significa *gracejo* [...] expressa um divertimento, brincadeira, passatempo sujeito a regras que devem ser observadas quando se joga”.

O jogo não diz respeito apenas a um conjunto de regras sem significado ou importância, mas sim a uma estruturada relação entre a diversão e o aprendizado, pois é através dele que a criança “desenvolve as possibilidades que emergem de sua estrutura particular, concretiza as potencialidades virtuais que afloram sucessivamente à superfície de seu ser [...]” (CHATEAU, 1987, p. 14).

Aplicar a teoria das inteligências múltiplas através dos jogos “em seu sentido integral, é o mais eficiente meio estimulador das inteligências” (ANTUNES, 2014, p. 17), mas, em contrapartida, “todo jogo pode ser usado para muitas crianças, mas seu efeito sobre a inteligência será sempre pessoal e impossível de ser generalizado” (ANTUNES, 2014, p. 16). Mesmo por meio da utilização dos jogos, cabe ao professor adequá-los a seus alunos, para que o jogo sempre tenha contexto com a realidade a qual o discente está inserido.

É possível segundo Antunes (2006), a utilização de jogos para cada tipo de inteligência conceituada por Gardner, sendo eles:

Inteligência linguística: A palavra é..., telefone sem fio, história interativa e trava – línguas.

Inteligência lógico - matemática: Tabuleiro de encaixe, jogo com cliques coloridos, formas vazadas e jogo lógico.

Inteligência espacial: Construindo quebra-cabeças, resolvendo problemas espaciais, comando teleguiado e um museu em um cantinho.

Inteligência musical: História sonora, chapéu de bom ouvinte, um apito oculto e mímicas.

Inteligência corporal - cinestésica: Boliche solidário, o jogo dos caranguejos, caça ao tesouro e gincana equilibrista.

Inteligência interpessoal: Conversando sem falar, dando a minha mão, sonhando para um outro e como vou completar a história.

Inteligência intrapessoal: Conhecendo-se, os sinais de trânsito, espelho e retrato e sentimentos.

Inteligência Existencial/Naturalista: Caminhando para bem longe, dedo muito sabido, questionário e alcançando uma estrela no céu.

“Além do olhar que valoriza o ambiente natural, que necessita ser revelado nas famílias e em salas de aula, é também importante desenvolver “jogos” para aguçar a curiosidade da criança de maneira divertida e da forma mais espontânea possível” (ANTUNES, 2012, p. 62). Os jogos são estímulos de extrema importância, e se faz necessária a sua valorização desde a educação infantil. Unindo a teoria das inteligências múltiplas a este estímulo, tanto os discentes quanto os docentes, estarão em pleno contato consigo mesmos, e aproveitarão ainda mais o fascínio que é estar inserido no ambiente escolar.

Considerações finais

O trabalho acerca das inteligências múltiplas de Howard Gardner, desperta não só o fascínio pela educação respeitando as particularidades de cada aluno, como o desenvolvimento das mesmas através dos jogos e da diversão. Quando o profissional docente se atenta para as múltiplas facetas de seus alunos, eles se deparam com um mundo cheio de possibilidades.

O trabalho com as múltiplas inteligências salienta a importância do olhar individualizado para os alunos, constatando que é possível desenvolver um mesmo conteúdo de maneiras diferentes, que impactem a realidade de todos os discentes, de acordo com aquilo que tem significado para cada um.

Para possíveis próximos trabalhos, sugere-se a pesquisa acerca da relação entre a Organização do Trabalho Pedagógico e as Inteligências Múltiplas, pois assim, desde os momentos que antecedem à sala de aula, estará presente o comprometimento do professor em desenvolver as diversas inteligências de seus alunos.

Referências

ALMEIDA, L. S. **As aptidões na definição e avaliação da inteligência: o concurso da análise fatorial.** Paidéia, Ribeirão Preto, v. 12, p. 5-17, jan. 2002.

ALMEIDA, L. S. et al. **Inteligências múltiplas de Gardner: É possível pensar a inteligência sem um factor g?** PSYCHOLOGICA, v. 50, p. 41-55, Janeiro 2009.

ANTUNES, C. **As inteligências múltiplas e seus estímulos.** 17ª. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

_____. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências.** 20. ed. [S.l.]: Editora Vozes, 2014.

_____. **Relações interpessoais e autoestima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Inteligências múltiplas e seus jogos: Inteligência cinestésico - corporal,** vol. 2, Editora Vozes, 2006.

_____. **Inteligências múltiplas e seus jogos: Inteligência espacial,** vol. 4, Editora Vozes, 2006.

_____. **Inteligências múltiplas e seus jogos: Inteligência linguística,** vol. 5, Editora Vozes, 2006.

_____. **Inteligências múltiplas e seus jogos:** Inteligências pessoais e inteligência existencial, vol. 7, Editora Vozes, 2006.

_____. **Inteligências múltiplas e seus jogos:** Inteligência sonora, vol. 5, Editora Vozes, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: DF, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: < <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em: mai. 2019.

CHATEAU, J. **O jogo e a criança.** 4. ed. [S.l.]: Summus Editorial, 1987.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência.** 2. ed. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ERTHAL, T. C. **Manual de psicometria.** 8ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2009.

FARIA, L. **Inteligências Humanas.** Abordagens biológicas e cognitivas. Paidéia, Ribeirão preto, v. 13, p. 119-120, 2003.

FERREIRA, A. B. D. H. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas:** a teoria na prática. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GARDNER, H. et al. **Inteligências Múltiplas ao redor do mundo.** Tradução de Roberto Cataldo Costa e Ronaldo Cataldo Costa. [S.l.]: Artmed, 2010.

NASCIMENTO, M. M.; RUEDA, F. J. M. **Estudo da estrutura interna do Teste de Inteligência – TI.** Psico-USF, Bragança Paulista, v. 19, p. 307-316, maio/agosto 2014.

TRAVESSOS, L. C. P. **Inteligências Múltiplas.** Revista de Biologia e Ciências da Terra, Paraíba, v. 1, p. 14, 2001. ISSN ISSN 1519-5228.

PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1958.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. [S.l.]: Feevale, 2013.

REIS, L. G. **Produção de monografia da teoria à prática.** 2. ed. Brasília: Senac, 2008.

REIS, L. G. **Produção de monografia da teoria à prática.** 3. ed. [S.l.]: [s.n.].

SISTO, F. F.; FERREIRA, A.; MATOS, M. P. B. **TCR e R1:** duas medidas do fator g. Periódicos Eletrônicos em Psicologia, São Paulo, v. 7, jun 2006.

SMOLE, K. C. S. **A matemática na educação infantil a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar.** Porto Alegre: Penso Editora Ltda., 2000.

URBINA, S. **Fundamentos da testagem psicológica.** Porto Alegre : Artmed, 2007.